

TEMPO, HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE FRANCISCO DE ASSIS

em um Recente Documento: a *Vita Beati Patris Nostris Francisci*, de Tomás de Celano

GUSTAVO DA SILVA GONÇALVES*

RESUMO

Apresentamos e analisamos as concepções de tempo e história na *Vita Beati Patris Nostris Francisci*, hagiografia sobre Francisco de Assis e redigida por Tomás de Celano. Sendo parte da pesquisa de mestrado, primeiramente é discutida a importância deste documento para os estudos franciscanos. Discute-se sobre as temporalidades e a historiografia durante a Baixa Idade Média, e como isso se refletiu nas hagiografias medievais. Por fim, retoma-se e se aprofunda a discussão a partir do novo documento, defendendo que a historicidade produzida na redação da nova vida de Francisco serviu para a disputa de normas entre diferentes grupos no interior da Ordem dos Frades Menores.

Palavras-chave: Temporalidade; História; Hagiografia Medieval.

ABSTRACT

We present and analyze the conceptions of time and history in *Vita Beati Patris Nostris Francisci*, hagiography about Francis of Assisi and written by Thomas of Celano. Being part of our Master's research, firstly is discussed the importance of this document for the Franciscan studies. Subsequently we analyze the temporalities and historiography during the Late Middle Ages, and how this was reflected in medieval hagiographies. Finally the discussion is resumed and deepened from the new document, focusing that the historicity produced in the writing of the new vita de Francisco served to dispute norms between different groups within the Order of the Friars Minor.

Keywords: Temporality; History; Medieval Hagiography.

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientado pelo prof. Dr. Igor Salomão Teixeira.
E-mail: gussgoncalves@gmail.com.

“Quantos homens em um homem! Como seria injusto, para essa criatura móvel, estereotipar uma imagem definitiva!”¹

Introdução à Análise de um Novo Documento ou Sobre as Novidades do Digital no Ofício do Historiador

Ao escrever sobre o gênero biográfico, o historiador francês François Dosse defendeu: “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição”². Em certa medida, é possível interpretar que, a partir dessa afirmação, o relato sobre outrem é condicionado pelas condições materiais e imaginárias de um determinado grupo. Isso significa considerar, por outro lado, que as descrições sobre um personagem histórico são suscetíveis de análises antes mesmo do surgimento das noções modernas de sujeito ou indivíduo³.

Se, por um lado, produziram-se interpretações de que a escrita da história foi uma atividade secundária, ou até mesmo inexistente, durante a Idade Média, esta posição vem sendo criticada e revisada por sistemáticas pesquisas⁴. Defendemos que novas abordagens se deram por conta do crescimento dos estudos medievais no Brasil e das problematizações feitas sobre as funções e finalidades das hagiografias do período⁵.

As análises realizadas por Igor Teixeira permitem sustentar o argumento. O historiador contabilizou as pesquisas produzidas sobre a *Legenda Áurea*, compilação de vidas de santos datada do século XIII feita por Jacoppo de Varazze. Ao realizar o levantamento quantitativo de trabalhos desenvolvidos nos cursos superiores e de pós-graduação do país, o pesquisador localizou 105 resultados para o termo “hagiografia medieval” e 52 para *Legenda Áurea*, o que indica um substancial aumento dez anos após a primeira tradução do documento⁶.

A partir desse exemplo também é possível afirmar que a digitalização dos documentos e a maior vinculação entre pesquisadores, seja a partir de convênios universitários ou pela aproximação possibilitada pela *World Wide Web*, fomentou o crescente aumento de estudos sobre as hagiografias medievais. Defendemos que a digitalização dos documentos e a maior vinculação entre pesquisadores fomentou o crescente aumento de estudos sobre as hagiografias medievais no Brasil⁷. De tal forma que é oportuno realizar considerações sobre o

1 MICHELET, J. “Prefácio de 1868 (História da Revolução Francesa)” In: MALERBA, J. (org). *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010, p.110.

2 DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.11.

3 É necessário frisar que a vinculação destas categorias com a modernidade já foi objeto de críticas de Peter Haidu e Jean Claude Schmitt. Ver: HAIDU, P. *Sujeito medieval/moderno: Texto e governo na Idade Média*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006; SCHMITT, J.-C. “A descoberta do indivíduo: uma ficção historiográfica?” In: *IDEM. O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: Ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes, 2015.

4 Como exemplo, a dissertação de mestrado realizada por Rafael José Bassi, ao analisar a escrita da história nas obras de Raoul Glaber e Richer de Reims. Ver: BASSI, R.J. *A escrita da história e o Rei. Um estudo sobre os Quatro Livros de História de Richer de Reims e os Cinco Livros de História de Raoul Glaber (séculos X-XI)*. 2014, 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, p.51-70.

5 Sobre a historicidade dos estudos medievais no Brasil, bem como sua expansão e diversidade de objetos e metodologias, ver: BASTOS, M. J. M.; RUST, L. D. “Translatio Studii. A História Medieval no Brasil” *Signum*, vol. 10, 2009, p.63-188, .

6 TEIXEIRA, I.S. “Apresentação: A hagiografia no Brasil: A *Legenda Áurea* e os 10 anos da tradução brasileira” In: *Idem* (org.). *História e historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014, p.8-12.

7 Sites como Libgen, Sci-Hub, Scribd e Academia.edu possibilitam o acesso a arquivos privados aos pesquisadores brasileiros, o que anteriormente poderia se encontrar somente em acesso local, restrito ou pago.

papel da tecnologia nos estudos medievais, e em especial no documento em análise.

Ao analisar o impacto da digitalização na construção de novas abordagens produzidas pelos historiadores, Ann Rigney apontou que "In a world where images and text can be copied so easily, the possibilities for interactivity are increased, and the boundaries between production and reception, between expert and amateur, become much more diffuse"⁸. E foi justamente a colaboração entre estudiosos e o intermédio da internet que possibilitou a localização do novo manuscrito: o NAL 3245, que contém o objeto do presente artigo, a saber, a *Vita Beati Patri Nostri Francisci*, ou simplesmente *Vita Brevior*⁹.

O documento foi identificado como uma possível novidade quando o pesquisador da Universidade de Vermont, Sean Field, alertou por e-mail o medievalista francês Jacques Dalarun. Identificando que se tratava de uma novidade, Dalarun sugeriu a aquisição do manuscrito pela Biblioteca Nacional da França. Em posse da instituição, o documento encontra-se inteiramente digitalizado e disponível para consulta de qualquer usuário em primeiro lugar, este se encontra totalmente digitalizado, podendo ser consultado em qualquer parte do planeta através do site da Biblioteca Nacional da França. Além disso, a hospedagem *on-line* do manuscrito possibilita identificar alterações e detalhes mais precisos, que seriam imperceptíveis ao olho humano¹⁰.

Essa questão permite apontar para a potencialidade do documento em uma possível mudança nas abordagens sobre a santidade de Francisco de Assis e a Ordem dos Frades Menores (OFM). De tal forma concordamos com Jurandir Malerba, quando afirmou que "a história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado"¹¹.

Contudo, se a digitalização de documentos ampliou e – por que não? – democratizou o acesso à informação, determinadas exigências do ofício ainda são necessárias. Em outras palavras, conforme salientaram Stefania Gallini e Serge Noiret,

la transición a la Web 2.0 no cambia los problemas que ya estaban en el tapete con la primera introducción del digital en el terreno de la historia: autenticar, proporcionar un contexto, describir las fuentes con detalle y rigor son - como antes - los momentos obligados de la investigación histórica, este o no en el dominio digital¹².

8 Em um mundo onde as imagens e o texto podem ser copiados tão facilmente, as possibilidades de interatividade são aumentadas e os limites entre produção e recepção, entre peritos e amadores, tornam-se muito mais difusos". Cf. RIGNEY, A. "When the monograph is no longer the medium: historical narrative in the online age", *History and Theory*, vol. 49, p.100-117, 2010, p.111.

9 Recentemente realizamos uma publicação introdutória sobre a *Vita Beati Patri Nostri Francisci*. Nela apresentamos uma breve história do documento e a surpresa de inúmeros pesquisadores sobre uma nova hagiografia de Francisco de Assis. Por exemplo, André Vauchez afirmou que o achado era a descoberta mais importante em meio século; Felice Accrocca afirmou que o documento poderia contribuir para remodelar as "cartas da documentação". Para: GONÇALVES, G.S. "Uma nova história de Francisco de Assis? Possibilidades de pesquisas a partir de uma recente descoberta (*Vita Beati Patris Nostri Francisci*, de Tomás de Celano)", *Ars Historica*, n. 15, jul./dez. 2017, p.43-61.

10 Para uma análise mais aprofundada sobre o papel da tecnologia e da informatização no ofício dos medievalistas, ver: GENET, J-P.; "Etre médiéviste au XXI" In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 38e congrès, Île de France, 2007. Etre historien du Moyen Age au XXIe siècle. CHASTANG, P.; HAMBURGUER, J.F.; MARTI, S.; MASSEY, D.; In: KRAUSE, K.; SCHELLEWALD, B.; (orgs). *Bild und Text im Mittelalter*. Colônia: Böhlau, 2011; CHASTANG, P. Le texte médiéval et l'hypertexte. Éditer des documents du Moyen Age au XXIe siècle. In: MEHU, D.; ALMEIDA, N.B.; SILVA, M.C. (orgs.). *Pourquoi étudier le Moyen Age? Les médiévistes face aux usages sociaux du passé*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2012.

11 MALERBA, J. "Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital", *Rev. Bras. Hist.*, vol.37 no.74, 2017, p.11.

12 "a transição à Web 2.0 não muda os problemas que já se apresentaram com a primeira introdução do digital no terreno da história: autenticar, proporcionar um contexto, descrever as fontes com detalhe e rigor são – como antes – os momentos obrigatórios da investigação histórica, esteja ou não no domínio digital". Cf. GALLINI, S.; NOIRET, S. "Historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital", *Historia Critica*, n. 43, pp. 16-37, jan./abr. 2011, p.30.

Mesmo que ocorram inovações a partir dos avanços tecnológicos, os tradicionais métodos de crítica documental permanecem como fundamentais aliados para os pesquisadores. Exemplificando a partir da *Vita Brevior*, pode-se apontar que o usuário que se interessar pelo manuscrito necessitará de prévios conhecimentos de filologia e paleologia medieval em vistas a interpretar o documento. Se, por um lado, a digitalização de documentos possibilita o acesso a um público não especializado com técnicas de pesquisa, isso não significa que não se deve atentar para questões teóricas e metodológicas no meio digital¹³. Caso contrário, pode-se produzir uma interpretação imprópria ou até mesmo falseada da história¹⁴.

Defendemos que a produção de história pode ser abordada a partir da nova hagiografia sobre Francisco de Assis, se considerarmos a chave interpretativa proposta por Paul Ricoeur, quando defendeu que “existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural”¹⁵. Se ainda considerarmos as ponderações de Néri de Barros, que afirmou que “durante a Idade Média a narrativa histórica não esmorece, mas se impõe. Ela se cristianiza, porém, a sua identidade narrativa - ligada ao gênero histórico tal como concebido pelo mundo Greco-romano - não desaparece”¹⁶, a recente documentação ainda carece de uma abordagem mais aprofundada sobre as modalidades de história operadas no momento de sua composição.

Desta forma, o presente artigo analisa as concepções de tempo e história no interior da recente descoberta. Breves reflexões foram realizadas, mas afirmamos que pouco foi abordado acerca das temporalidades contidas neste documento, bem como a possibilidade de uma operação historiográfica produzida por Tomás de Celano. Na primeira parte do estudo se discute as concepções de tempo e história específicas ao século XIII, como estas foram discutidas pelos personagens históricos no período e qual o impacto para a historiografia contemporânea. Posteriormente se aborda como foi apreciado o tempo e a história na redação da *Vita Brevior*, e por fim se discute os resultados e as possibilidades frente a essa recente descoberta.

Concepções de Tempo e História no Século XIII: Discussões e Produção Historiográfica Baixa Idade Média

A questão do tempo e da história foi objeto de análise do historiador francês Philippe Ariès. Em seu pioneiro trabalho redigido na década de 50, o autor apontou para as possibilidades de se compreender a história durante o período medieval. Em suas palavras: “toda a vida medieval se baseava no precedente histórico, na *recordação do passado*: nada vale o que já foi; uma falta contra o antigo uso é uma perigosa novidade”. Mas há de se salientar que o passado era, conforme ainda assinalou, deformado, fazendo com que ocorressem alterações mesmo sem contestar a autoridade dos tempos precedentes¹⁷.

13 Sobre a questão do público não especializado e os historiadores “profissionais” e a construção de uma autoridade compartilhada, ver: FOSTER, M. Online and Plugged In?: “Public History and Historians in the Digital Age”, *Public History Review*, v. 21, p. 1-19, 2014.

14 Sobre o impacto da falsificação da história, ver: DE BAEETS, A. “Uma teoria do abuso da História”, *Revista Brasileira de História*, vol. 33, n. 65, 2013, p.17-60.

15 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). Campinas: Papirus, 1994, p.85.

16 ALMEIDA, N.B. “Hagiografia, propaganda e memória histórica: o monasticismo na Legenda Áurea de Jacopo de Varazze”, *Revista Territórios & Fronteiras*, vol. 7, n. 2., 2014, p.96.

17 ARIÈS, P. *O tempo da história*. São Paulo: Editora UNESP, 2012, p.127-129, grifos nossos.

Igor Teixeira afirmou que o cristianismo inseriu no Ocidente Medieval uma “filosofia da história marcada por um acontecimento-chave e um devir: Cristo entre os homens e o Juízo Final”¹⁸. A visão escatológica do tempo na Idade Média esteve condicionada por essa dualidade. Decorrente disso que se torna possível afirmar que houve uma linha tênue que envolveu a questão da novidade frente a autoridade do passado durante o século XIII. Essa contradição também pode ser exemplificada a partir do desenvolvimento da OFM: para o período, Francisco e seus seguidores apresentaram uma “radicalidade” na tentativa de seguir os passos de Cristo. A “novidade”, contudo, logo foi enquadrada pelas definições do IV Concílio de Latrão de 1215, que definia que as novas Ordens necessitavam seguir as Regras já estabelecidas pela Igreja.

A noção escatológica também é verificada nas hagiografias dos santos. Contudo, também é possível identificar interferências ou até mesmo modificações por parte dos hagiógrafos¹⁹. Se o peso da tradição era um importante determinante no momento da composição, este não era absoluto.

Antes de aprofundarmos sobre a hagiografia de Francisco de Assis, pode-se recordar da manipulação do tempo e do relato feita por Walter Map (1140-1220) e o estudo desenvolvido por Jean Claude Schmitt sobre este autor: analisando a obra *De Nugis Curialium*, o historiador aponta que o clérigo realizou operações de “ideologização”, por assim dizer, do seu relato, por conta da defesa do reinado de Henrique II²⁰.

Foi no passado que Walter Map buscou a legitimação no momento de composição de seu trabalho, mas acabou por transforma-lo frente as contingências do seu tempo. Ao inserir a um segundo plano o “tempo da Igreja”, mas sem menosprezar o papel desta para o período, as motivações que engendraram nesta escolha de Walter Map se vincularam mais a um desejo de “legitimar o novo rei por uma conciliação hábil entre a lenda galesa e a história inglesa, apresentando-o ao mesmo tempo como o sucessor do “rei dos antiquíssimos bretões”²¹.

Dessa forma, é possível afirmar que a escrita da história, vinculada a percepção do tempo durante o século XIII, buscou consolidar determinadas formas de conduta e almejava determinados fins, variando de acordo com o *locus* de sua produção e com os personagens envolvidos. A partir das crônicas do período, Hans-Werner Goetz afirmou que “a medieval chronicler has not just written down facts, but has handed down a personal construction of his own perception of the historical process. He does not report what actually happened, but how he believed that it happened, or how he imagined what happened”²².

Por um lado, a assertiva do historiador é criticável na medida em que este delega um papel muito amplo ao conceito de autor: exemplificando a partir da *Vita Prima*, primeira hagiografia sobre Francisco de Assis e redigida um ano após a canonização do santo, Jacques Dalarun demonstrou as inferências que a redação de Tomás de Celano sofreu, seja por parte do pontificado de Gregório IX, seja por parte de Frei Elias, ministro-Geral da Ordem no momento²³. Contudo, há de se reconhecer os méritos dessa afirmação, já que reflete – de

18 TEIXEIRA, I.S. “O tempo que conta o desvio de nossos primeiros pais”: a *Legenda aurea* e um regime de historicidade cristão?” In: *IDEM* (org.). *op. cit.*, p.102.

19 Acerca das modificações de Tomás de Celano, ou até mesmo as falsificações produzidas pelo hagiógrafo, ver: BARTOLI, M. “Quanto Tommaso da Celano menti sapendo di mentire” In: MAZZON, A. (org.). *Scritti per Isa. Raccolta di studi offerti a Isa Lori Sanfilippo*. Roma: Ist. Storico per il Medio Evo, 2008.

20 SCHMITT, J.C. “Tempo, folclore, e política no século XII” In: *Idem, op. cit.* 21 *Idem*, p.346.

22 “um cronista medieval não apenas escreveu fatos, mas transmitiu uma construção pessoal de sua própria percepção do processo histórico. Ele não relata o que realmente aconteceu, mas como ele acreditava que isso aconteceu, ou como ele imaginou o que aconteceu”. GOETZ, H-W. “Historical Writing, Historical Thinking and Historical Consciousness in the Middle Ages”, *Dialogos Mediterrânicos*, Vol. 1, n. 2., maio 2012, p.111.

23 DALARUN, J. *The Misadventure of Francis of Assisi*. Nova Iorque: Franciscan Institute Publications, 2002.

forma indireta – não somente sobre o texto em si, mas como este era concebido, produzido e para o “público” a qual este se destinava.

Nesse quesito é que se pode realizar uma nova crítica, um tanto distante do objeto em análise, mas necessária para reafirmar a importância de se refletir sobre a escrita da história na Idade Média: diferentes trabalhos pretenderam marcar a ruptura que se deu, na historiografia, a partir do Renascimento, o que acabou por provocar uma alteração no sentido de passado e da própria história a partir da era moderna. Não se nega as transformações que ocorreram a partir do *Trecento* italiano, mas uma “ruptura” é, em nosso entender, uma afirmação demasiadamente *exagerada*²⁴. As abordagens que indicam uma “quebra” existente a partir do Renascimento não estariam, de forma indireta, adotando uma posição pré-definida frente à *Media tempestas*, assumindo uma abordagem negativa do período, já que não consideraria as contribuições dos sujeitos históricos “medievais” frente ao humanismo renascentista?

Se o conceito de história e as concepções e vivências do tempo durante o século XIII são distintos das sociedades contemporâneas, isso não significa que não houvesse o entendimento destas categorias para quem viveu em tal período. De acordo com Chris Lorenz e Berber Beverage, “for people living in the Middle Ages, events and things had concrete positions in time and in space, but they did not have a concept of empty, abstract time and space as such”²⁵. Partilhamos da dura constatação realizada pelo historiador João Lisboa, quando afirmou que

Aos historiadores da Idade Média, portanto, não faltava o senso de passado, espírito crítico e capacidade de explicação das causas. Na verdade, o que falta é a sensibilização do olhar dos historiadores contemporâneos em reconhecer que na Idade Média existe historiografia, todavia esta não era escrita da mesma maneira que atualmente²⁶.

É por conta desse fator de compreensão e maior entendimento por parte dos historiadores contemporâneos que é possível afirmar que houve “consciência histórica” durante o século XIII, conforme salientou Hans-Werner Goetz. Nos dizeres do autor, a consciência daqueles que viveram na Idade Média se baseou em um certo sentido de história e de mudança histórica, ao lado de um conceito de história enquanto processo, o que levou também a um interesse histórico por parte desses personagens²⁷. As gerações passadas produziram, de tal forma, um sentido incessante de “presença do passado”²⁸. Isso significa, conforme apontou Justin Lake, que os historiadores possuíram uma distinção entre os eventos passados (*res gestae quae factae sunt*) e a narrativa histórica (*narrativo rerum gestarum*)²⁹.

Portanto, outros tempos e outras sociedades tiveram diferentes tipos e modos de escrita da história, que longe de ser invalidada, deve ser investigada em seus pormenores,

24 Partilhamos das considerações de Sverre Bagge para essa constatação. Cf. BAGGE, S. “Medieval and renaissance historiography: Break or continuity?”, *The European Legacy*, vol. 2, n. 8, 1997.

25 para as pessoas que viveram na Idade Média, os eventos e as coisas tinham posições concretas no tempo e no espaço. No entanto, eles não tinham um conceito para “vazio”, “tempo abstrato” e “espaço” enquanto tais”. Cf. BEVERNAGE, B.; LORENZ, C. *Breaking Up Time: Negotiating the Borders between Present, Past and Future*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013, p.19.

26 RANGEL, J.G.L. Hagiografia e escrita da história na Idade Média: o capítulo de São Pelágio na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze (C.1270-1298). In: Revista Escrita da História, vol. 4, n. 8, jul/dez. 2017, p.289.

27 GOETZ, *op. cit.*, p.112.

28 KÖSELLECK, R. *Futuro Passado - Contribuição À Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p.311.

29 LAKE, J. “Current Approaches to Medieval Historiography”, *History Compass*, vol. 13, n. 3, mar/2015, p.91.

visando abordar as consequências que esta produziu. Se não houvesse um sentido de história ou de apropriação do tempo e dos feitos passados, como se explicaria a divisão de eras de Joaquim de Fiore (1132-1202) se não buscar na história e nos tempos passados a legitimação de seu argumento e uma certa visão de futuro com o advento da era do Espírito³⁰?

A História na *Vita Brevior* e o Compromisso com a Edificação da Santidade

As hagiografias medievais possuíam um estatuto diferente do atual no que concerne aos conceitos de história, tempo e verdade. Ao contrário de ser um produto irreduzível do imaginário medieval, apesar deste ter uma importante contribuição no momento da composição, julgamos que Tomás de Celano, frente às contingências e necessidades de seu tempo, realizava constantes reajustes em seus trabalhos. Concordamos com Igor Teixeira, quando afirmou que “na hagiografia, por mais que o objeto central – os valores pregados pelos santos – esteja relacionado com o maravilhoso, *há sempre uma ligação com o real*”³¹.

De datação incerta, mas certamente composta após 1233, a *Vita Brevior* foi uma tentativa de reduzir o seu modelo precedente, a *Vita Prima*, de 1229. Ela foi escrita durante um período que se constatou uma aproximação da Ordem dos Frades Menores e a Sé Apostólica. Como exemplo, em 1230 o papa Gregório IX promulgou a bula *Quo Elongati*, que desobrigou a observância do Testamento de Francisco de Assis. Se, por um lado, este documento acabou por flexibilizar as condutas dos frades e possibilitou uma maior interação entre a Igreja e a Ordem, foi necessário ainda aguardar a bula *Ordine Vestrum*, de 1245 e emitido pelo papa Inocêncio IV, para que estreitassem as vinculações dos frades menores e a Sé Apostólica³².

Sendo um produto do século XIII, ela se inseriu em um momento em que a santidade era reelaborada, ou seja, os atos e práticas realizadas *in vita* eram determinantes para a canonização e, conseqüentemente, tinham um papel preponderante nas hagiografias³³. É necessário enfatizar que a conjuntura do período em análise possibilitou alterações nos modelos “tradicionais” de composição: a luta contra os grupos dissidentes da Ortodoxia católica, a disputa contra Frederico II e os embates das Cruzadas são fatores a serem mencionados³⁴.

A *Vita Brevior* possui algumas particularidades se comparadas à *Vita Prima*. Como exemplo, a nova hagiografia não foi encomendada pela Sé Apostólica, mas sim pelo então Ministro-Geral da Ordem, frei Elias. Lê-se no documento:

Ao venerável e reverendo frei Elias, ministro geral dos Frades Menores. A Vida do nosso gloriosíssimo pai Francisco que, por ordem do senhor papa Gregório, mas sob tuas instruções, pai, outrora compus, já há certo tempo, em uma obra mais prolixa, por causa daqueles que, talvez apropriadamente, *criticam sua abundância*, sob tua prescrição, reduzi-a agora a um breve opúsculo e tomei o cuidado de escrever em um discurso *suscinto e resumido os pontos essenciais e úteis, omitindo o desnecessário*. Apesar de alguns quererem, talvez, que certas coisas sejam ditas diferentemente de como foram ditas, é porem apenas teu julgamento que deve ser seguido com segurança nesses casos, tu a quem o santo de Deus abriu o espírito mais que aos outros [...] Queira então, pai venerável, segundo a sabedoria que te

30 RIEDL, M. *A Companion to Joachim of Fiore*. Leiden: Brill, 2017.

31 TEIXEIRA, *op.cit.*, p.199.

32 Sobre estes documentos, ver: ACCROCCA, F. “Quo Elongati: il tentativo di una doppia fedeltà” In: *Frate Francesco*, vol. 81, p.133-166, 2015; ACCROCCA, F. “Ordinem vestrum: un pronunciamento fragile e resistente” In: *Frate Francesco*, vol. 81, p.477-504, 2015.

33 VAUCHEZ, A. *La Santità Nel Medioevo*. Bolonha: Il Mulino, 2009.

34 MIATELLO, A.L.P. “Escrita hagiográfica mendicante: pregação e culto cívico” In. TEIXEIRA, I.S. (org.) *História e historiografia sobre a hagiografia medieval*. Porto Alegre: Oikos, 2014, p.120-122

foi dada, cortar e amputar desta obra tudo que a entrave. Queira colher e conservar o que é útil³⁵.

A partir deste excerto verifica-se que a legitimidade foi retirada do passado a partir das determinações do presente, já que a decisão final ficou a cargo de Frei Elias, escolhido pelo Santo, de acordo com a hagiografia. Ao lado disso, é possível apontar que a hagiografia foi composta em um momento de discussões internas na OFM, apesar da composição não poder ser reduzida aos conflitos que ocorriam.

Se a reelaboração do relato de Tomás de Celano foi, por um lado, uma operação malsucedida, isso não significa que a hagiografia teve elementos suprimidos. A juventude de Francisco de Assis foi pouco abordada. O relato aponta os vícios e desregramentos do jovem, que provavelmente seguiria a profissão de mercador de seu pai, Pedro Bernadone. O caminho em direção à conversão foi, portanto, gradual e ao mesmo tempo predestinado, pois a bondade era recorrente no jovem. Por conta desse fator concordamos com Felice Accrocca que, ao abordar a *Vita Prima*, afirmou:

Il grande patrimonio esemplare ereditato dalla tradizione agiografica spinse Tommaso a calcare i toni del pessimismo, amplificando in chiave moralistica episodi in sé molto più comuni e scontati. Per il nostro agiografo, in definitiva, Dio veniva per trionfare nonostante l'uomo, poiché la negatività umana non poteva impedire il trionfo della Grazia³⁶.

A pretensão de instruir é recorrente no documento, o que aponta, por um lado, a busca da imortalização dos santos, mas também a tentativa de construir normas a partir dos eventos passados do santo em uma dada condição no presente. Para a historiadora Ángeles García de la Borbolla, dentre outras funções, o papel desempenhado pelas hagiografias consistia em “inmortalizar a um indivíduo excepcional, la voluntad de perpetuar su recuerdo y la intención de instruir espiritualmente a su receptor”³⁷.

A tentativa de instrução se verifica a partir da segunda leitura da hagiografia, em que se lê: “como ele continuava nesse mau caminho, para que ele se tornasse um exemplo de conversão a Deus para a posteridade, a mão de Deus caiu sobre ele”³⁸. Isso significa apresentar, conforme assinalou Jacques Dalarun, que ocorreu uma progressiva assimilação entre o santo e Cristo, na medida em que se verificam os termos “*servus Altissimi, servus Dei, amicus Altissimi, famulus Dei, prece Dei, sanctus Dei*” na *Vita Prima*, ao passo que se encontram as denominações de “*amicus Christi, servus Christi, famulus Christi, signifer Christi, sanctus Christi*” na *Vita Brevior*³⁹.

Por um lado, se a apropriação do passado por parte do hagiógrafo é facilmente identificada, o excerto também apresenta indícios das concepções de tempo e de livre arbítrio contidas em Tomás de Aquino (1225-1274). Ao analisar a *Suma Teológica*, Igor Teixeira abordou

35 DALARUN, J. *A vida descoberta de Francisco de Assis*. Trad. Igor Salomão Teixeira. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016, pp. 33-34, grifos nossos.

36 “O grande patrimônio exemplar herdado da tradição hagiográfica levou Tomás de Celano a calcar os tons de pessimismo, amplificando em chave moralística alguns episódios que são, em si, muito mais comuns e óbvios. Para o nosso hagiógrafo, em última análise, Deus veio triunfar apesar do homem, porque a negatividade humana não podia impedir o triunfo da graça”. ACCROCCA, F. “Di statura mediocre, piuttosto piccola: Il Francesco narrato da Tommaso da Celano”, *Miscellanea Francescana*, n. 114, 2014, p.62.

37 “imortalizar um indivíduo excepcional, a vontade de perpetuar sua memória e a intenção de instruir espiritualmente seu receptor”. GARCÍA DE LA BORBOLLA, A. La hagiografía de frontera. Los santos como defensores de un espacio a partir de los relatos hagiográficos peninsulares (siglos XII–XIII). In: MERISALO, O. (org). *Frontiers in the Middle Ages*. Louvain-la-Neuve: Fédération Internationale des Instituts d’Études Médiévales, 2006, p.675.

38 DALARUN, *op. cit.*, p.38.

39 *Idem*. Il Francesco nella Vita Ritrovata di Tommaso da Celano. In: KUMKA, E. (org.). *Tommaso da Celano agiografo di San Francesco. Atti del Convegno Internazionale*. Roma: Miscellanea Francescana, 2016, p.122-123.

a questão da predestinação e os atos mundanos e afirmou que a predestinação e a garantia de vida eterna não invalidam o poder de escolha do indivíduo. Ao lado disso, “é a escolha, na qual consiste o livre-arbítrio, que promove o homem para a salvação”⁴⁰. Com isso, a redação da *Vita Brevior* se aproxima das proposições tomistas, na medida em que o plano divino conduziu o percurso “ascendente” – por assim dizer – do frade de Assis, mas não eliminou suas ações terrestres.

De tal modo, a proposta de analisar a *Vita Brevior* enquanto um documento que permite abordar o plano social e material se aproxima da crítica feita por Igor Teixeira aos trabalhos de Michel de Certeau, quando este analisou apenas o caráter festivo das hagiografias. No entender do pesquisador brasileiro, “[as hagiografias] estão a serviço da consolidação do que poderíamos chamar de um perfil para o santo e, principalmente, podem servir como elemento de consolidação de políticas pontifícias e afirmação do poder do papa”⁴¹. Em específico da *Vita Brevior*, é possível verificar que não há quaisquer menções ao bispo de Assis e a desnudação de Francisco de Assis, o que leva a crer em uma possível aliança que existiu entre a Sé Apostólica e Frei Elias na tentativa de controlar os poderes dos prelados locais. No recente documento se lê apenas que a perseguição paterna se cessou, não tendo mais detalhes ou indícios das motivações que levavam a essa conduta ou ainda sobre o papel desempenhado pelo Bispo ao defender Francisco frente a seu pai⁴².

Caso se considere que houve intervenções no momento da redação da hagiografia por parte da Cúria Romana, também se identificam “embates” no conjunto da obra hagiográfica de Tomás de Celano, não sendo diferente na *Vita Brevior*. Após a morte de Francisco se instaurou uma cisão na OFM, o que abriu uma disputa entre aqueles que desejavam seguir única e exclusivamente a Regra Bulada, datada de 1223, e aqueles que ansiavam por flexibilizar os ensinamentos do frade fundador. Se, conforme assinalou Jacques Le Goff ao analisar a *Vita Prima*, “Essa vida, muito bem informada, silencia todo traço de dissensão dentro da Ordem, seja entre a Ordem e a cúria romana, faz o elogio de Frei Elias, então muito poderoso, e se inspira nos modelos historiográficos tradicionais”⁴³, tal assertiva não é inteiramente válida para o novo documento, já que consta na *Vita Brevior*:

Irmãos, dizia [Francisco] “começamos agora a servir Deus, pois até aqui progredimos pouco”. Ele queria voltar a servir os leprosos e persistia incansável no projeto de santa novidade. Ele queria fugir da companhia dos homens e ir para lugares muito remotos. Ele era totalmente alheio ao comando, afirmando que era perigoso, nos tempos que corriam, ocupar um cargo de superior, mas recomendava acima de tudo a submissão⁴⁴.

A passagem suscita questões importantes no que concerne à história e temporalidade: em primeiro lugar, progressão em relação a que? Estaria o hagiógrafo aludindo a conversão de outrem ou apontando para o aumento de frades menores, já que, ao escrever o terceiro decênio do século XIII, a OFM se encontrava cindida⁴⁵?

Ao lado disso, o excerto também permite analisar a dualidade existente entre tradição/ inovação, já que a “santa novidade”, apesar de ser incessantemente perseguida, também se atrelou – conforme o excerto – à tentativa de fuga a lugares distantes, o que no caso, se referia

40 TEIXEIRA, *op. cit.*, p.1.

41 Idem. “A Ystoria sancti Thome de Aquino: hagiografia ou história?” In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. *A escrita da história na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 145.

42 DALARUN, *op. cit.*

43 LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.55.

44 DALARUN, *op. cit.*, p.90.

45 Idem. *Francis and power*. Nova Iorque: Franciscan Institute Publications, 2007.

à tradição monástica. O trecho possibilita abordar, de tal forma, que a autoridade do passado não foi absoluta, e permite demonstrar as possíveis interferências por conta dos embates sobre a doutrina da OFM no momento de redação da *Vita Brevior*.

Se a temporalidade possui uma maior precisão em determinados momentos, como a reconstrução da Igreja de São Damião realizada por Francisco⁴⁶, ela também é imprecisa em distintos momentos. Por exemplos, são recorrentes as expressões “Em certa época”, “numa época”, e assim por diante. Como se vinculou a um outro regime de verdade, de temporalidade e de história, as datações e até mesmo os números devem ser atentamente analisados, já que as operações de recorte e de alteração textual são recorrentes nessa nova hagiografia.

Isso, contudo, não invalida a proposição de que houvesse concepções de passado ou futuro, apesar de diferentes das usadas pelos historiadores atualmente: caso se negue a experiência de tempo de Tomás de Celano, de que forma se explicaria a escrita do hagiógrafo, quando este afirmou, ao relatar alguns milagres realizados por Francisco quando ainda vivia: “Francisco, o santo de Deus, brilhando com a luz dos milagres, teve a graça de operar curas das quais, forçosamente, inserimos aqui apenas um pequeno número, pois esperamos narrá-los mais demoradamente em outra obra”⁴⁷.

Algumas considerações podem ser feitas: em primeiro, o hagiógrafo já idealizava uma posterior obra, tendo, portanto, uma concepção de futuro – mesmo que diversa a nossa? É possível afirmar, com segurança, que sim, se considerarmos os lamentos e queixas do hagiógrafo no término da redação do *Memoriale in Desiderio Animae*, de 1247. Lê-se no documento: “Nous ne pouvons fabriquer chaque jour des nouveautés, nous ne pouvons changer en rond ce qui est carré, nous ne pouvons appliquer à la diversité si multiple des époques et des volontés ce que nous avons reçu en un seul homme”⁴⁸.

Em segundo, o autor afirma que “forçosamente” foi obrigado a reduzir os números de milagres, mas por quê? Quais forças o constrangeram a ponto de limitar o seu relato? Mais do que a Sé Apostólica do período, defendemos que a forma do relato se deveu mais às contingências internas da Ordem, em um momento que frei Elias era contestado em seu generalato. A tentativa de apresentar este frade enquanto o verdadeiro continuador da obra de Francisco se evidencia quando esteve enfermo, em Porciúncula. A hagiografia relata que Frei Elias já sabia da doença de Francisco através de uma mensagem divina e que, por conta disso, o frade fundador solicitou que os frades se aproximassem. Após, Francisco teria falado:

“Sobre quem está minha mão direita?”. “Sobre Frei Elias”, disseram eles. “É assim que quero”, retomou ele. “Filho”, disse, “eu te abençoo em tudo e por tudo, tu que, assumindo meus encargos, virilmente atendeu às vontades dos frades. [...] Que vós vos comporteis, vós todos, meus filhos, na crença de Deus e permaneçais Nele. E como estais próximos da tentação e da tribulação futura, felizes daqueles que perseverarem nesse caminho. Pois eu me dirijo a Deus, à graça do qual eu vos recomendo todos”⁴⁹.

Em nosso entender, o fragmento possibilita compreender a historicidade dos eventos e ainda uma temporalidade decorrente das disputas internas. Se as hagiografias foram produzidas na intenção de erigir uma determinada memória de um santo e visando a eternidade deste, pode-se assinalar que a escrita desta e a história por ela evocada

46 *Idem, op.cit.*, p.33-34.

47 *Idem, op.cit.*, p.67, grifos nossos.

48 “Não podemos fabricar a cada dia coisas novas, nem mudar o que é quadrado em redondo, e nem mesmo aplicar a variedades tão distintas de tantos tempos e vontades o que recebemos em um só homem.”. DALARUN, J. François d’Assise. *Écrits, Vies, témoignages*. Paris: Éditions du CERF/Éditions Franciscaines, 2010, p.1875.

49 DALARUN, *op.cit.*, p.92-93.

também desempenhou uma função normativa para determinados grupos. Para o nosso objeto, pensamos conjuntamente com Michael Vargas ao apontar para uma necessária “história corporativa” da Ordem dos Frades Menores, ou seja, refletir sobre as condutas dos personagens envolvidos na trama histórica e como isso interferiu na produção documental, sendo também necessário vinculá-los às normas preestabelecidas pela Ordem e pela Santa Sé⁵⁰.

Isso significa concordar com as contribuições de Ramón Castellano que, ao abordar a obra de Paul Ricoeur, analisou a articulação entre tempo e narrativa. Em suas análises, Ricoeur ponderou que o poeta e/ou historiador produz narrativas que se vinculam ao agenciamento dos fatos a partir de uma trama. Ou seja, a escrita da história não se origina do nada, mas ao contrário, é um encontro que se dá entre o “artesanato das palavras” e as fontes dispostas no momento da composição, sendo que o conjunto da ação, ao lado da atividade mental e prática de redação, possibilita entregar, a um dado público consumidor destas histórias, uma dada versão narrativa dos fatos, que serão selecionados ou excluídos por tais grupos⁵¹.

Em outras palavras, a *Vita Brevior*, com suas temporalidades, supressões e historicidades permite, mais do que estudar uma dada representação desejada pelo hagiógrafo para retratar Francisco de Assis, também abordar a construção de condutas e os conflitos que ocorreram no período. Apesar de distante dos pressupostos cientificistas do século XIX almejados pela disciplina histórica, ou pelas discussões pós-modernas que atravessam o ofício, a nova hagiografia sobre Francisco permite-nos defender seu caráter não somente de documento histórico, mas também que se produziu história no momento de sua composição.

Considerações Finais

Neste trabalho abordamos alguns aspectos que merecem maior atenção por parte dos historiadores: a temporalidade, a escrita da história e sua relação com a produção hagiográfica na Baixa Idade Média. Estas três esferas interagiram durante o período em análise, o que aponta para a necessidade, por parte dos historiadores, em reconhecer que houve produção de história e historiadores neste período histórico⁵². Outros tempos produziram diversas culturas das atuais, o que inferiu, em diferentes níveis, na produção historiográfica. Defendemos que as distinções se deram por conta das particularidades e contingências específicas à cada documento, o que impõe para os medievalistas uma análise aprofundada em cada questão em vistas a identificar os sujeitos históricos, as tramas por estes estabelecidos e os fins obtidos.

A *Vita Beati Patris Nostri Francischi*, ou simplesmente *Vita Brevior*, vem sendo continuamente discutida em seminários e congressos internacionais⁵³. Localizada em 2015, defendemos que a nova hagiografia merece mais atenção dos(as) pesquisadores(as) que se debruçam não somente sobre a trajetória de Francisco de Assis, mas em especial da Ordem dos Frades Menores. Redigida por Tomás de Celano pouco após a canonização do santo e se

50 VARGAS, M. *Taming a Brood of Vipers. Conflict and Change in Fourteenth-Century Dominican Convents*. Leiden: Brill, 2011, p. 2-3.

51 CASTELANO, R. “A escrita da história: indeterminação e potência”, *Ars Historica*, vol. 15, jul./dez. 2017, pp. 273-274.

52 Uma outra crítica que se pode ser feita se refere à obra de François Hartog. No livro “Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo”, o autor afirma que a perspectiva cristã não se enquadra ao regime moderno ou antigo de história, apesar do autor não analisar a própria aplicabilidade da noção de “regime de historicidade” à filosofia da história cristã.

53 Como exemplo, menciona-se o congresso realizado em Paris, entre os dias 20 a 22 de setembro de 2017. Para mais informações, ver o site: <http://www.irht.cnrs.fr/fr/agenda/le-manuscrit-franciscain-retrouve/>.

baseando na *Vita* que se pretendia ser a oficial sobre o frade, o documento possui supressões se comparadas à *Vita Prima*. Apesar disso, a hagiografia não foi reduzida o suficiente a ponto de ser considerada uma versão abreviada: ela é, portanto, a segunda hagiografia sobre Francisco de Assis.

Sua redação se inseriu em um importante momento para a OFM, no qual se verificou uma aproximação cada vez mais estreitada com a Sé Apostólica. Ao tentar apresentar um Francisco em sua incessante busca pela “altíssima pobreza” e a apresentação desta como a “Senhora Pobreza”, e como o *Poverello* se casou com ela e estabeleceu uma inabalável relação, defendemos que o hagiógrafo almejou disputar, a partir do relato produzido, as normas e condutas na OFM após a morte do frade fundador. A história e as temporalidades da hagiografia se vinculam, portanto, com as disputas internas à Ordem dos Frades Menores, em um período em que, para muitos frades, se verificava um acelerado afastamento do propósito de Francisco.

Portanto, a Vita Brevior pode contribuir para se refletir sobre a escrita da história durante a Idade Média, também pensando sobre as condições que possibilitaram esse tipo de redação. Apesar de estarmos distantes a mais de 800 anos da redação apontamos, guardadas as devidas proporções, que o trabalho de Tomás de Celano se aproximou àquele proposto por Giovanni Levi aos historiadores contemporâneos: pesquisar, resumir e comunicar⁵⁴.

Recebido em: 16/02/2018

Aprovado em: 01/07/2018

54 LEVI, G. “O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar”, *Revista Tempo*, vol. 20, n. 36, jan./dez. 2014.